

**MANUEL
MONTEIRO**



**EM NOME
DA LÍNGUA.
ÁMEN**

COLECÇÃO DE VIOLÊNCIAS
E HERESIAS CONTRA O PORTUGUÊS

LIVRO I



A QUEM LER

Enfurecido com a pletera de erros na linguagem publicada, com as fontes digitais (o que inclui enfaticamente os dicionários em linha) e os putativos entendidos (ou «especialistas», como sói dizer-se hoje) que legitimam (e cada vez mais depressa, sem atender à natureza e à gravidade do erro) quase tudo o que as pessoas dizem e escrevem, contanto que o façam em número razoável no último lustro,² dediquei-me a mais uma obra sobre o meu assunto costumeiro.

Este livro é um laborioso acto de amor à língua e a execução de uma vingança contra o paradigma dominante do *tantofazismo*, do erro a vencer pelo cansaço («Se eu escrever bem, muitos vão pensar que está mal, e eu não quero que isso aconteça, assim como não quero soar pedante»³, ouço muitos seres túbios que trabalham com a palavra escrita sentenciar), do nivelamento por baixo (não é a cultura que deve descer ao povo; é o povo que,

² Acompanhei, até hoje, a vida da expressão «à séria». Lembro-me de ter pensado, quando gatinhava na sua primeira infância, que não se imporá. Num período bem curto, vi-a ser crescentemente usada na oralidade e na escrita informal. Ao cabo de pouco tempo, já me perguntavam, nas aulas, se a expressão não era, afinal, lídima, até que, enquanto revisor, a vi desaguar na tradução de uma obra despida de linguagem informal, de um autor conceituado, numa editora conceituada.

³ É penoso expelir obviedades, mas sinto, neste momento, a propósito de manadas passivas que agem mecanicamente, ser forçoso aliviar-me de uma: a linguagem estereotipada, de que me ocupei em obras pretéritas e artigos de jornais, mostra bem como a mecanização da língua e a mecanização do pensamento caminham como indistinguíveis siameses.

apercebido de condições materiais satisfatórias, deve ascender à cultura; demais, um povo embrutecido e acrítico sempre foi o sonho da maior parte dos déspotas), e, concomitantemente, uma tentativa de «vai, pensamento» (quem me dera que tal acontecesse — e não numa progressão aritmética, senão que geométrica).

Esta obra inaugura uma colecção de livros com o título *Em nome da Língua. Amen*. A quem se destinam? A quem tiver vontade de melhorar a forma como fala e escreve. Destinam-se certamente a todos os que trabalham com a palavra escrita. Habitantes e frequentadores do espaço público, este livro deveria ser lido e estudado por vós. Soa arrogante? É a verdade que mora no meu imo. Muitos de vós usais malissimamente a nossa língua — com desídia, ignorância, desprezo.

Quem revê textos, quem examina diariamente a linguagem, quem escreve livros sobre língua, quem redige artigos sobre ela para jornais (*Público* e *Página Um*), quem dá aulas de Revisão de Texto, quem tem uma rubrica sobre língua (*Língua na Cama*), quem está, dia após dia, a esclarecer dúvidas, a emendar os outros (muitas vezes, silenciosamente), quem anda, em suma, dobrado sobre (repetição intencional de «sobre») a língua até vê hífenes na oralidade (por exemplo, quando alguém diz «caldo-verde» ou «pouca-vergonha», ficando a perguntar de si para si: «Será que ele/ela põe o hífen?»).

Por penúltimo: este livro foi escrito com asseio, isto é, sem o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 — que de «Acordo» e «Ortográfico» nada tem —, e sem inteligência artificial. Quase todos os assuntos aqui escarpelizados foram intocados por esse metuendo instrumento. Quando o monstro não é nomeado, significa isto que não há alterações com o dito.

Por último: a obra que tem em mãos foi, de caso pensado, escrita sem ordem alfabética nem índice remissivo, de sorte

que o livro seja mais lido do que consultado (sê-lo-á?, não sei). Quanto ao mais, muitos textos deste livro, quais matrioscas, vão além do que o título anuncia (não raro, o título esconde adrede o assunto), deambulando alegremente por outras paisagens linguísticas. Corolário: os problemas de que, de ora em diante, nos (autor e leitor/a) ocuparemos são bem mais do que a numeração dos títulos indica. Ainda: o que se pretende não é tão-somente resolver problemas particulares — é dar ferramentas, regras, tesouros para capacitar quem está desse lado no manuseamento ágil e correcto do nosso idioma.

Que ninguém afirme ter lido esta obra se não houver lido as notas de rodapé.

Um verbo perigoso

Diz-nos (entre muitos outros, porque, em matéria de língua, é mister consultar o maior número de fontes: de dicionários, vocabulários, prontuários, gramáticas, livros e artigos sobre língua) o *Dicionário da Língua Portuguesa*,⁴ o dicionário em linha da Academia das Ciências de Lisboa, que «perigar» é: «estar ameaçada ou em risco, a existência, a integridade de alguém ou de alguma coisa; correr perigo». *Perigar é estar em perigo, correr perigo*, algo diferente de *pôr em perigo/risco* (significado que o verbo **não** acolhe). Não por acaso, estamos perante um verbo que dicionários e vocabulários consideram intransitivo — bastaria o conhecimento deste aspecto gramatical para que o verbo fosse manejado correctamente. (Urge ensinar a gramática como um jogo facetado, divertido⁵ e útil que nos ajuda na clareza, limpidez e eficácia da nossa comunicação.)

Trata-se de um verbo utilizado habitualmente? Não. Sucede que, quando aparece, tende a aparecer mal — como se fosse transitivo (que não é), e como se significasse «pôr em perigo/risco» (que não significa.)

No *Expresso*, em 12 de Julho de 2017, Daniel Oliveira⁶ disserta sobre «[o] que periga mais a nossa soberania». Eis o uso

⁴ Consultado em 19 de Novembro de 2025.

⁵ Veja-se a importância da vírgula a anteceder o vocativo: «Vamos comer, crianças» ou «Vamos comer crianças»? Eis um exemplo lúdico e pedagógico.

⁶ https://expresso.pt/blogues/opiniao_daniel_oliveira_antes_pelo_contrario/2017-07-12-Costa-nao-descobriu-a-quadratura-do-circulo

errado. (E o seu nome não é Daniel Oliveira — o seu nome é Legião.) O verbo apresenta-se erradamente na frase — repita-se — como transitivo (que não é), e como se significasse «pôr em perigo/risco» (que não significa).

Algo periga a nossa soberania. (Errado.) *A nossa soberania periga.* (Certo.)

Vejamos um exemplo modelar — Camilo Castelo Branco, n’*O Regicida*: «Ele atribuía o seu dessorrego⁷ a receios da causa da pátria, visto que o exército do Alentejo sofria numerosas⁸ deserções, e perigava à míngua de generais.»

⁷ Sim, existe.

⁸ Rodrigo de Sá Nogueira, no *Dicionário de Erros e Problemas de Linguagem*, defende: «[O] adjectivo [“numeroso”] só deveria empregar-se como qualificativo de substantivos colectivos. Assim, dir-se-ia com propriedade: “uma família numerosa”, “um numeroso rebanho”.» Ou seja, para Sá Nogueira, podemos falar de «famílias numerosas» (cada uma delas tem um grande número de elementos), mas não de «numerosas famílias numerosas», porquanto «numerosas», no entendimento do autor, não significa «inúmeras», «muitas», «muitíssimas». Neste livro, será sempre citada a quarta edição da boníssima obra de Sá Nogueira.

A falta de solidariedade com o verbo que é diariamente espancado

Há pessoas ou *hão* pessoas? *Há* ananases e rosas? Ou *hão* ananases e rosas?

Não se erra aqui. Todos dizemos: «há». Este exemplo em que ninguém falha permite-nos perceber a regra e alastrar a observância gramatical a todos os casos: o verbo *haver*, no sentido de existir/acontecer/ocorrer, emprega-se na terceira pessoa do singular.

~~*Houveram*~~ ditadores bem mais democratas do que este primeiro-ministro. (Errado.)

Houve ditadores bem mais democratas do que este primeiro-ministro. (Certo.)

~~*Haviam*~~ dois pessegueiros na ilha. (Errado.)

Havia dois pessegueiros na ilha. (Certo.)

Caso ~~*haja*~~ dúvidas, telefonai-me. (Errado.)

Caso *haja* dúvidas, telefonai-me. (Certo.)

Como se dúvidas ~~*houvessem*~~... (Errado.)

Como se dúvidas *houvesse*... (Certo.)

É por ~~*haverem*~~ pessoas como tu que não desisto. (Errado.)

É por *haver* pessoas como tu que não desisto. (Certo.)

O desacerto é ainda mais frequente quando ocorre um verbo auxiliar. Até quem conhece a regra é muitas vezes atraído. (Já o vi acontecer. Mais de uma vez.)

«~~Irão/vão~~ haver mais dias de sol» é igual a «~~haverão~~ mais dias de sol». «Irá/vai haver mais dias de sol» é que está certo, porque equivale a «haverá mais dias de sol».

~~Deverão~~ *haver alternativas.* (Errado.)

Deverá haver alternativas. (Certo.)

~~Vão~~ *havendo oportunidades.* (Errado.)

Vai havendo oportunidades. (Certo.)

~~Têm~~ *havido menos acidentes.* (Errado.)

Tem havido menos acidentes. (Certo.)

~~Poderão~~ *haver manifestações na sexta-feira.* (Errado.)

Poderá haver manifestações na sexta-feira. (Certo.)

Até ~~poderiam~~ *haver pessoas que...* (Errado.)

Até poderia haver pessoas que... (Certo.)

~~Podem~~ *haver criaturas que...* (Errado.)

Pode haver criaturas que... (Certo.)

~~Continuam~~ *a haver sinais de insatisfação entre os professores.*
(Errado.)

Continua a haver sinais de insatisfação entre os professores.
(Certo.)

~~Estão~~ *a haver problemas de...* (Errado.)

Está a haver problemas de... (Certo.)

~~Devem~~ *ter havido falhas.* (Errado.)

Deve ter havido falhas. (Certo.)

O personagem e o pessoa?

É preciso repetir dez, doze, quinze, vinte, duzentas vezes; é absolutamente preciso nunca desistir: «personagem» é nome/substantivo feminino.

O uso no masculino é erro a vencer pelo cansaço; é macaqueação; é galicismo (*le/un personnage*).

A personagem Eduardo Sousa é baixa, morena e altiva.

Bem avisaram, entre muitos outros, as *Memorias de Litteratura Portugueza*, no tomo quarto; Pedro José de Figueiredo, na *Arte da Grammatica Portugueza*; Cândido de Figueiredo, que no seu *Novo Dicionário⁹ da Língua Portuguesa* (1913) a registou como estritamente feminina, acrescentando «[como género masculino,] ouve-se amiúde e lê-se algumas vezes, mas é galicismo»; Napoleão Mendes de Almeida, no *Dicionário de Questões Vernáculas¹⁰*: «Constitui francesismo o emprego de *personagem* com género masculino. Acaso, referindo-se a Pedro, pode o leitor dizer “*esse* pessoa”? Se Pedro é “*uma* pessoa”, ele é também “*uma* personagem”. Personagem não é comum de dois; tem género fixo, feminino: *essa* personagem, *uma* personagem, *as* personagens. *Personagem muda* (e não mudo) é expressão técnica, consagrada, para indicar a personagem que entra nas peças teatrais só para figurar.»

Rodrigo de Sá Nogueira, um dos meus dilectos, no *Dicionário de Erros e Problemas de Linguagem*, também avisou: «É feminina

⁹ Na ortografia de então: *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*.

¹⁰ Edição de 1981.

esta palavra [personagem] em português. [...] Em francês é que é de regra serem do género masculino as palavras terminadas em *-age*: *le garage, le personnage, le feuillage*, etc. Exceptuam-se desta regra: *la page, la cage, la rage, l'image (la image)*. — Note-se que dizemos *a garagem, a camionagem*, não obstante termos recebido essas palavras do francês “*le garage, le camionage*”. — A masculinização da forma portuguesa *personagem*, usada por muita gente, pode ser um galicismo, mas também pode ter resultado de um fenómeno de concordância latente, quando *a personagem*, a que nos referimos, é um homem.»

Serviram de pouco tantos avisos. Quase ninguém os escutou. A incorrecção é constante.

Continuamos, felizmente, a ter quem nos lembre. O *Ciberdúvidas*, no «Glossário de erros mais frequentes», assevera: «personagem, sida e síndrome são palavras do género feminino». José Neves Henriques, neste sítio, acerca do género gramatical do vocábulo: «É preferível empregá-lo no feminino.» (Resposta de 1 de Fevereiro de 1997.) Carlos Rocha, sobre o mesmo assunto, no mesmo lugar, em 9 de Maio de 2006: «Pode-se, contudo, referir o uso [morfo-sintáctico]¹¹ de **personagem** no género masculino (“o personagem”), por influência do francês *personnage*, nome masculino, quando o aconselhável em português é o feminino (“a personagem”), à semelhança de todas as palavras terminadas em **-agem**.» (Não são todas!, como afirma Carlos Rocha — veremos já este aspecto.) No programa televisivo *Cuidado com a Língua!*, é dito: «Embora alguns dicionários já registem a palavra “personagem” como um substantivo que tanto pode ser utilizado no masculino como no feminino, deverá preferir-se o feminino. [...] Aliás, é como palavra do género feminino

¹¹ Parênteses rectos que moram no excerto aqui citado.

que “personagem” aparece registada *no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia das Ciências de Lisboa, de 1940. [...] A nossa língua tem cerca de quatrocentas e dez palavras terminadas em **-agem**. [...] Contudo, há pelo menos uma palavra que tanto pode ser feminina como masculina: “selvagem”.» Ou seja: «selvagem» é de dois géneros. Pense e vá completando: a triagem, a imagem, a paisagem, a bagagem, a sondagem. (Assíndeto.)

A propósito de «personagem» e «pessoa», Sérgio Rodrigues, no blogue *Sobre Palavras*, em 18 de Janeiro de 2015, diz-nos também: «Vindo do francês *personnage* — e [virgularia] portanto [virgularia] descendente do latim *persona*, inicialmente “máscara de teatro”, onde fomos buscar nosso substantivo “pessoa” [...].»

Ainda uma curiosidade: dicionários que registam «personagem» como sendo de dois géneros (apenas porque os falantes assim a empregam) acolhem, nos significados dos verbetes dos quais consta a palavra «personagem», o vocábulo no feminino. Lemos, por exemplo, que o «protagonista» é «a personagem principal».

Dado que muitos (e vimos alguns) consideram ser o masculino um decalque do francês, sublinhe-se outra curiosidade: o *Dicionário de Português-Francês* (2.^a edição), de Olívio da Costa Carvalho, regista «personagem», em português, como nome/substantivo estritamente feminino.

A personagem feminina é esfíngica.

Rui é das personagens masculinas mais densas.

Sempre, sempre no feminino. É nome/substantivo sobreco-mum, como *a criança, a pessoa, a testemunha, o cônjuge, o carrasco*.



Como seria bom para a língua e o pensamento se, em lugar de se preocuparem com palavras que exprimem obscenidades (sou favorável a que os dicionários acolham o maior número de turpilóquios possível), as pessoas e os dicionários estivessem de vigia quanto a solecismos, significação imprópria, palavras que têm mil significados de tão usadas serem: se uma palavra tudo significa, nada significa — a acumulação semântica leva, no limite, ao esvaziamento semântico.

**ESTA OBRA, QUE INAUGURA UMA COLEÇÃO,
É VISCERALMENTE CONTRA O PARADIGMA
DOMINANTE DO TANTOFAZISMO.**

À ÚLTIMA DA HORA ❌

À ÚLTIMA HORA ✔️

BEBE UMA MINI ❌

BEBE UMA **MÍNI** ✔️

DISCORDO CONTIGO ❌

DISCORDO **DE TI** ✔️

ELE É BOM A TUDO ❌

ELE É BOM **EM** TUDO ✔️

O PERSONAGEM ❌

A PERSONAGEM ✔️



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-146-7



9 789895 891467